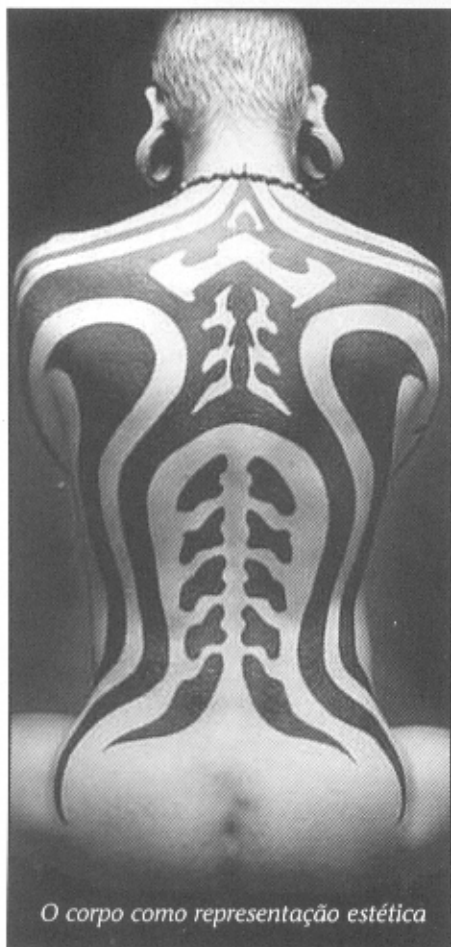


Marca na pele

A técnica, a arte e a expressão da tatuagem

ALEXANDRA NUNES, FERNANDA GUSMÃO, LUISA COSER E MARIA GANEM



O corpo como representação estética



tatuagem não pode ser vista simplesmente como um aspecto cultural acidentalmente incorporado. Os adornos e as marcas corporais sempre existiram, mesmo que sob manifestações diferentes. Na sociedade

"A religiosidade da arte do corpo leva à textualidade corporal, na qual símbolos religiosos são para serem lidos. As práticas antigas de arte corporal dão vazão ao primitivismo moderno, permitindo que o corpo moderno seja visto como um texto. A arte corporal carrega mensagens poderosas sobre a pessoa decorada. Cores, desenhos e o uso de técnicas particulares são parte de uma linguagem visual com valores culturais específicos."

Adam Cline

contemporânea, a tatuagem foi associada inicialmente a uma atuação vanguardista por ter sido incorporada por grupos "marginais", considerados transgressores. A incorporação de uma marca ao corpo pode revelar a necessidade psíquica do homem de se afirmar, de se projetar e de se apresentar como integrante de um grupo com o qual ele se identifica.

A liberdade para explorar o corpo reflete as práticas econômicas, sociais e culturais nas quais estamos envolvidos. O pai da Psicanálise, Sigmund Freud, acreditava que a formação inconsciente de um sistema de significação permite ver que as crenças e os hábitos são subprodutos do relacionamento entre o homem e as instituições econômicas e políticas". O corpo, indissociado das

práticas relacionadas ao âmbito político e econômico, é também uma fonte de projeção de valores morais e estéticos. O corpo é aliado da falsa percepção de perenidade (a imortalidade que o homem anseia) e, ao mesmo tempo, é manifestação de inconstância e fugacidade: a dualidade entre a morte do corpo e a necessidade de significá-lo com uma marca que não morre porque faz parte da essência.

A exibição do corpo, na sociedade de consumo, é também utilizada como produto de mídia e lido como obra de arte. Jorge Davies, tatuador no Rio de Janeiro desde 1980, acredita que tatuar é um trabalho artístico, mas tatuar-se deve ser uma decisão consciente. "Geralmente é um trabalho rápido e a pessoa

sai com uma obra de arte no corpo, desfilando por aí. É uma mercadoria ambulante". Para ele, a tatuagem, mesmo sendo uma prática comum atualmente, tem que ser valorizada enquanto expressão artística. "Eu acho que a *tatoo* pode ser uma informação ancestral, que está no inconsciente. Às vezes, o homem se pinta pra ficar igual a um bicho".

A pessoa tatuada espera que uma parte do seu corpo seja um objeto de contemplação. Este é um aspecto importante do efeito da tatuagem: a interferência da tela-corpo na realização da obra. O corpo pode ser visto como matéria prima que oferece texturas, composições geométricas e cores diferentes. O efeito da obra de arte começa em sua realização – o eu-tela admira, contempla e sente dor ao projetar em si mes-



A tatuagem já foi marca registrada dos punks e dos roqueiros

"Eu acho que a *tatoo* pode ser uma informação ancestral, que está no inconsciente.

Às vezes o homem se pinta pra ficar igual a um bicho."

Jorge Davies, tatuador

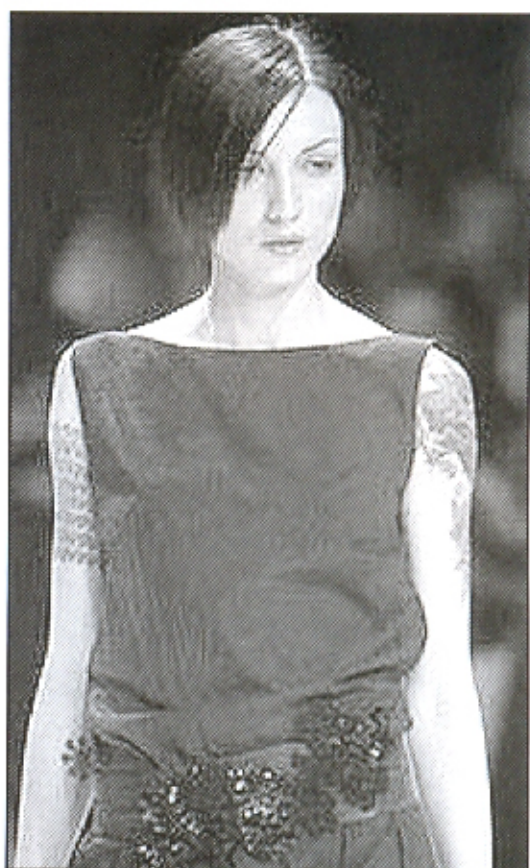
mo uma manifestação psíquica e social.

Técnicas e simbolismo

A utilidade da tatuagem se desmembrou do seu aspecto estritamente estético e hoje também é usada com fins terapêuticos. Já é possível corrigir irregularidades congênitas do corpo (como as provocadas por perfuração de pele) colorir áreas sem pigmento ou afetadas por vitiligo e disfarçar falhas de cabelos e cílios nas pálpebras. No entanto, à medida que a procura por estúdios de tatuagem cresce, a corrida dos arrependidos aos consultórios dermatológicos para se livrarem delas aumenta na mesma proporção. Existem várias técnicas para remover o desenho, mas o processo de remoção é longo, doloroso, caro e a pele não volta a ser como antes.

Certezas e seguranças

Fazer uma tatuagem não é uma decisão fácil, para a maior parte das pessoas. É preciso levar



Na passarela, a tatuagem é um adorno importante

em conta uma série de fatores que vão desde a boa escolha do profissional até as avaliações preconceituosas. As restrições existem. Doar sangue, por exemplo, não é permitido para quem se tatuou há menos de um ano.

É importante checar os instrumentos e a higiene do estúdio, verificando o uso de agulhas descartáveis, a esterilização dos equipamentos e a utilização de máscaras e luvas durante o trabalho. Essas medidas são imprescindíveis para a prevenção de doenças causadas por vírus como HIV e Hepatite B e C.

Oficialmente ainda não existe a profissão de tatuador – não houve regulamentação pelos ór-

gãos governamentais –, mas a formação de um sindicato dos tatuadores já está sendo organizada no Rio. Por enquanto, se um profissional do ramo quiser se aposentar, deve buscar alternativas, em geral, nas profissões de artista plástico ou desenhista.

Em 1998, a lei 9.828 do Estado de São Paulo proibiu que menores de 18 anos fizessem perfurações e adornos corporais, mesmo com a autorização de pais ou responsável. Hoje existe uma lei federal nos mesmos termos. Ao



Os guerreiros acreditavam que esses desenhos atraíam as mulheres e os fariam batalhar com mais ferocidade.

mesmo tempo em que diminuiu o número de menores tatuados,

tranquilizando algumas mães, a lei abriu portas para o mercado clandestino das artes corporais que bota em risco a saúde dos jovens decididos a se tatuar ilegalmente.

Apesar de a profissão de tatuador não ter o reconhecimento desejado, o mercado da tatuagem movimenta anualmente R\$ 36 milhões, só na cidade de São Paulo. Lá funcionam 200 estúdios com cerca de 850 profissionais, número que cresceu 10% ao ano entre 1997 e 2002.



Muito antes do marinheiro Popeye

Há mais de sete mil anos a tatuagem aparecia no Egito Antigo, Japão e China, muito antes do marinheiro Popeye enfeitar seus braços musculosos com uma âncora. O mais antigo homem tatuado foi encontrado sob um iceberg, perto de uma montanha nos Alpes Europeus. Sabe-se que morreu há aproximadamente cinco mil anos. Ele possuía tatuagens em toda a espinha dorsal, além de uma cruz em uma das coxas e desenhos em estilo tribal por toda a perna.

O criador da palavra *tattoo* foi o capitão James Cook (também descobridor do *surf*) que escreveu em seu diário "tattoo", ou "tatau" em português. "Tattoo" é uma referência onomatopéica ao som produzido durante a execução da tatuagem, quando eram utilizados ossos finos como agulhas e uma espécie de martelo pequeno para introduzir a tinta na pele.

Em 787 d.C., no Ocidente, a Igreja Católica proibiu a tatuagem alegando que a prática estava associada à superstição e ao paganismo. Por esse motivo, houve um hiato até o fim da Idade Média, quando a tatuagem ficou quase esquecida. Ainda durante a Idade Média, os portadores de desenhos no corpo foram perseguidos pela Inquisição. Apesar de os profetas serem identificados por marcas no corpo, na maioria dos escritos bíblicos, a Igreja perseguia os tatuados como bruxos e acreditava que as tatuagens representavam pactos com forças demoníacas.

No século XVIII, nas Ilhas do Pacífico Sul, os europeus encontraram habitantes tatuados com

desenhos geométricos, que ao longo da vida iam sendo feitos até cobrir todo o corpo. Os guerreiros acreditavam que esses desenhos atraíam as mulheres e os fariam batalhar com mais ferocidade. Para os índios do Sioux, da América do Norte, as tatuagens eram usadas como rito de passagem para a puberdade, para honrar guerreiros que se distinguiam por bravura em combate e, misticamente, como passaporte para a pós-morte.

Enquanto para uns a tatuagem representava a força, para outros, como os chineses, era um sinal de barbarismo e era somente usada como punição. Por volta do século VII, o Japão compartilhou deste desgosto pela tatuagem e, até hoje, os japoneses a vêem como símbolo de marginalidade.

No Brasil, a história foi outra. Quando os portugueses chegaram por aqui, os índios já se tatuavam e o costume ainda sobrevive em algumas tribos. Os desenhos no corpo eram feitos nos jovens entre 14 e 16 anos, quando estes ainda tinham força para suportar o sofrimento. A tribo indígena Kadiwéus, remanescente da Nação Guaikuru, dizia que a pintura no corpo era feita para diferenciar o homem do animal.

No final do século XIX, a tatuagem foi muito difundida na Inglaterra. Essa moda passou a ter adeptos em todos os segmentos sociais. Enquanto psicólogos da época insistiam em associar o ato de se tatuar a uma propensão à criminalidade e à marginalidade, até mesmo o rei Eduardo VII se tatuava.